

MEMÓRIA DE JOVEM: APONTAMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM CONCEITO

Debate ou Discussão em Teoria Social

GT 22- Sociologia da infância e da juventude

Carlos Henrique dos Santos Martins

Resumo

Através de um preliminar aporte teórico, busca-se trazer para o debate algumas reflexões sobre as relações entre juventude e memória. Partimos do pressuposto de que ela, a juventude, é composta de sujeitos que são capazes de construir suas memórias individuais em lugares de socialização. O desafio aponta para o aprofundamento da discussão a respeito das possibilidades de pensar o conceito de *memória de jovem* e suas implicações e contribuições para um outro olhar analítico sobre a juventude e suas experiências vivenciadas em distintos tempos e espaços. De outro modo, entender como se efetiva a construção da memória juvenil individual em espaços plenos de memória marcados pelas lembranças – nem sempre partilhadas pelos jovens –, frequentemente revisitadas pela memória coletiva.

Palavras-chave: Memória de jovem; Juventude; Identidades Juvenis.

Apresentação

A juventude enquanto categoria sociológica cuja dinâmica aponta para a permanente busca de uma unidade explicativa nos permitem múltiplas possibilidades de análise de seus diversos aspectos constitutivos, assim como das marcas identitárias enunciadas pelos sujeitos e grupos juvenis. Se por um lado essa diversidade nos aponta para a pluralidade conceitual – juventudes –, por outro, pode nos conduzir a uma pulverização dessa mesma categoria, provocando certa fragilidade analítica (Sposito, 2007). Mesmo correndo esse risco, o que se pretende nesse texto é pensar a juventude composta por sujeitos dotados de memória que é constantemente revisitada por eles de acordo com as necessidades e os distintos usos que cada jovem faz de lembranças que impregnam suas narrativas.

Nesse contexto, apresentamos a possibilidade de, através de um preliminar aporte teórico, trazer para o debate algumas reflexões sobre as relações entre juventude e memória. Para isso, partimos do pressuposto de que ela, a juventude, é composta de sujeitos que, em contextos nos quais a memória coletiva está expressa com mais intensidade, são capazes de construir suas memórias individuais em lugares de socialização, não só em espaços intra, mas aqueles marcadamente intergeracionais.

Este texto é síntese de algumas discussões estabelecidas com meus pares através da participação em alguns eventos acadêmicos e grupo de pesquisa sobre juventude. Através delas tenho procurado dialogar com outros pesquisadores no sentido de elaborar de forma mais consistente a memória de jovem como conceito que venha contribuir para a compreensão da juventude em seus distintos marcos constitutivos. Algumas questões são apresentadas no sentido de ampliar as discussões a respeito da afinidade entre memória e sua relação com a identidade, a herança cultural, como norteadora da construção do projeto e como (des) ordenadora da suposta relação linear entre passado, presente e futuro. São relações observadas através de pesquisas¹ com jovens² cujas expressões culturais se

¹ Ver Martins (2004) e (2010).

inserir no campo da *black music*, mas que, por uma opção metodológica cujo sentido é o de oferecer mais centralidade aos aspectos teóricos relacionados ao conceito em questão, não serão aqui apresentadas. Sendo assim, detenho-me apenas na apresentação de algumas interseções possíveis sobre juventude e memória pautado em alguns autores com os quais venho dialogando nesses últimos anos através do aprofundamento da leitura de suas obras, assim como através do debate com companheiros pesquisadores.

1 – Juventude e Singularidades Identitárias e Culturais

Os distintos modos de ser jovem frente a um mundo em constante transformação cujas informações em ritmo estonteante invadem a cena juvenil apresentam-se como enorme desafio analítico para os pesquisadores do campo da sociologia da juventude. Para compreender de forma abrangente a diversidade, mas também as adversidades presentes nesse universo deve-se levar em conta não só as alterações morfofuncionais ou aquelas apontadas pelos estudos da psicologia, como também as distintas maneiras de cada um se relacionar com essas novas experiências construídas de forma cognitiva e relacional. Desse modo, para efeito desse nosso diálogo, vale destacar que ser jovem é primordialmente uma definição cultural (Melucci, 2004).

A representação social da juventude envolve, dentre outros aspectos, a análise da condição e da situação juvenil. Entretanto, estas não devem ser as únicas possibilidades de exame. É necessário distinguir as práticas juvenis em diferentes contextos sociais uma vez que alguns deles não oferecem as condições para a produção das expressões culturais que superem e/ou anunciem diferentes formas de ser jovem. A construção de uma tipologia da juventude ancorada nas representações do “ser jovem”, carece, a meu ver, de contínuos estudos que privilegiem alguns campos de expressividades juvenis. Nesse sentido, creio que a cultura urbana pode mostrar que, nas brechas deixadas pelos sistemas sociais e econômicos, bem como pelos modelos culturais globalizados, os jovens são capazes de produzir suas próprias expressões culturais em um contexto de globalização que tende à homogeneização dos gostos. Nesse conjunto, vale destacar os sujeitos incluídos de forma precária nos processos de consumo que, muitas vezes não incorporados pela política e economia formais, vão produzir práticas culturais que são marcas identitárias. Mais do que isso, elas representam arranjos particulares de repolitização da política tendo a cultura como lócus específico (Reguillo, 2000). Essas práticas compreendidas em contextos significativos das culturas juvenis em sua diversidade, expressam, por outro lado, a capacidade de os jovens assimilarem e retraduzirem as mudanças operadas principalmente em decorrência dos processos de mundialização da cultura e o desenvolvimento tecnológico que se efetiva em ritmo frenético. Desse modo, a autora enxerga “as culturas juvenis como lugares de novas sínteses sociopolíticas que estão construindo referentes simbólicos distintos daqueles do mundo adulto, ou melhor, usando-os de maneiras diferentes” (p. 65). Entretanto, ressalto que apesar dessa capacidade de construção é possível encontrarmos jovens – e não são poucos – bastante integrados aos contextos familiar e institucional que

² Vale ressaltar que a construção do conceito de memória de jovem é decorrente das diversas conversas que pude estabelecer com vários jovens por ocasião da pesquisa de campo realizada no decorrer do curso de mestrado e que, posteriormente, puderam ser mais aprofundadas nos estudos do doutoramento em educação. Naquele período, foi possível observar que as narrativas dos sujeitos entrevistados estavam impregnadas de memória. Todas as vezes que eram estimulados a narrar fatos e situações que permitissem, dentre outras questões, compreender as suas escolhas culturais e pessoais, assim como seus valores, foi possível perceber que todos, em vários momentos, iniciavam suas falas com: “eu me lembro”; “quando eu era menor” etc.

conservam os modos de transmissão de valores e conhecimentos próprios de seu grupo. Além disso, é preciso considerar que há uma parcela significativa da população juvenil para a qual as mudanças tecnológicas e seus produtos resultantes dos processos que transformam tecnologia em bem de consumo e/ou em referente simbólico identitário – e que por sua vez expressam também manifestações culturais juvenis – ainda não chegaram ou são por ela apropriadas de maneiras absolutamente precárias. É nesse contexto de precariedade que também podemos encontrar outras expressões culturais juvenis que funcionam como resposta ou formas particulares de visibilidade e que revelam as desigualdades em que muitos desses jovens estão mergulhados.

Os jovens buscam manifestar-se de variadas formas e muitos têm grande interesse nas diversas práticas culturais que servem de marca identitária. Há grupos juvenis, ligados às diversas expressões, que têm a música e a dança como possibilidades de indicar linguagens culturais específicas e que para alguns desses grupos servem de contraposição à existência de culturas não juvenis. Além disso, têm a capacidade de mostrar, de denunciar, através de suas múltiplas expressões culturais organizativas das identidades coletivas juvenis, aspectos que as instituições gostariam de e tentam esconder. São formas desinstitucionalizadas de ação política que colocam em xeque a ausência das políticas institucionais para os diversos setores da sociedade, em especial, a juventude. Para Reguillo (2000), essas formas organizativas incluem dois movimentos: no contato com o exterior, são capazes de produzir “formas de proteção e segurança frente a uma ordem (social, política, econômica) que os exclui”. Desse modo, produzem códigos e linguagens próprias do grupo que vão acentuar as relações de pertencimento. Num movimento para dentro, essas formas apresentam-se como “espaços de pertença e inserção identitária, a partir dos quais é possível gerar um sentido em comum sobre um mundo incerto” (p. 14). A autora considera ainda que grande parte dos estudos sobre as culturas juvenis não problematiza suficiente e necessariamente, os diversos modos de ser jovem. Esses modos normalmente levam em consideração apenas “o tipo de inserção socioeconômica dos jovens na sociedade [...] descuidando as capacidades que, tanto a subjetividade como os marcos objetivos da ação, geram” (idem, p. 30).

Essas culturas, entendidas por Feixa (1998) como um conjunto de “formas mediante as quais os jovens participam nos processos de criação e circulação culturais”, podem permitir que observemos qual o nível de “influência do mundo juvenil sobre a sociedade em seu conjunto” (p. 11). Para além da visão reducionista e muitas vezes utilitarista que compreende a juventude como problema social – e suas diversas adjetivações daí decorrentes –, há grupos juvenis que (re)produzem³ culturas através das quais expressam suas condições nessa mesma sociedade. Expressam ainda a sua capacidade interpretativa e transformadora dos contextos sociais em que estão imersos. As culturas juvenis manifestam-se como possibilidade de enxergar a própria sociedade a partir de outro ponto de vista, de quem quer participar da construção de outras possibilidades que também incorporem suas pautas reivindicativas. Para os jovens, romper as conservadoras barreiras do continuísmo constitui-se em grande desafio, o que não significa dizer que todos os jovens sejam, por natureza, transformadores. Compreendidos conjuntamente a partir de seu recorte geracional – não é possível falarmos sobre juventude descolada do recorte de geração –, pois cumpre o seu papel de continuidade da sociedade, os jovens têm a capacidade de reinterpretar e produzir culturas através das quais podem questionar a própria sociedade e a ausência de futuro, o que inviabilizaria esse papel e sua própria existência.

³ A questão de produção e da reprodução pode ser compreendida como sendo resultado de leituras específicas e atualizadas de determinadas expressões culturais cujo contato é estabelecido através da memória cultural presente nos espaços institucionais, na família e nos grupos de afeto. Algumas dessas manifestações surgem como releituras e reapropriações culturais, como é o caso do *funk* carioca e da *black music*.

Determinados estudos sociológicos a respeito do tema nos fornecem algumas direções para refletir e para compreender o que vem a ser a juventude. Entretanto, para além de sua complexidade como categoria sociológica, podemos entendê-la

Como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a passagem, assumindo uma importância em si mesma (Carrano, 2002, p. 3).

Proporcionar os modos e condições de os jovens se reconhecerem e serem reconhecidos como sujeitos de direitos é um importante desafio que está posto no sentido de contribuir para a continuação dos estudos sobre o tema. Mais do que o discurso cansado que projeta o futuro como sendo de responsabilidade da juventude, torna-se necessário avaliar as perspectivas concretas dos seus processos de transição para a vida adulta. Nesse sentido, vale reiterar a proposição deste texto que consiste em continuarmos a refletir sobre a juventude a partir da construção de suas memórias em contextos marcados pelo campo das culturas.

A juventude é uma categoria social e também cultural em constante recomposição. As suas distintas análises devem compreendê-la, assim como toda a sua complexidade, como um conjunto construído sem neutralidade e composto de sujeitos encarnados pertencentes à uma mesma geração que, para além de ser produto, é produtor de um universo material e simbólico que constitui não só o meio social, mas a própria cultura em todas as suas dimensões⁴.

Rossana Reguillo (2000) sugere que a juventude deva ser analisada através de uma dupla perspectiva que envolva uma “história cultural da juventude” bem como a “análise empírica das identidades juvenis”. Essa primeira perspectiva supera a visão essencialista e aponta para a análise relacionada à compreensão da diversidade de processos de ‘ser jovem’ de “acordo com as divisões de classe e idade em processos historicamente situados” criadas a partir de relações de força na sociedade. Eu acrescentaria as relações de gênero e raça não só como agravantes, mas capazes de conferir densidade e concreteness corpórea a esse mesmo processo. A outra perspectiva possibilita observarmos a pluralidade da categoria jovem ao analisar “as interações e configurações que vão assumindo as grupalidades juvenis”. Assim, essa diversidade, principalmente em contextos etnográficos, aponta para “jovens” ou “juventudes” e transcende a simplificação de “jovem” ou “juventude” como um dado comum, uma categoria homogênea (idem, p. 50). Para além dos riscos da pulverização, o que tal análise propõe é a desconstrução da aparente unidade que envolve a categoria juventude, reconstruindo-a segundo não só a idade, mas em relação a outros fatores intervenientes como classe, gênero, raça e relações de trabalho. Posto que essa unidade pode esconder as diferenças que historicamente recompõem e ressignificam a juventude. Essas diferenças permitem compreendê-la em sua complexidade e multiplicidade a partir do seu recorte como categoria analítica, como unidade geracional.

⁴ A capacidade produtiva de linguagens e culturas não significa que os jovens são desvinculados e não reproduzam valores da cultura dita tradicional presente nos contextos institucionais de origem, como a família e a escola, por exemplo.

2 – Juventude como geração

Investimos na necessidade de entender a juventude através do recorte geracional, pois além de seu caráter descontínuo e dinâmico, está inserida em uma mesma temporalidade, ainda que “seus esquemas de representação configuram campos de ação diferenciados e desiguais” (Reguillo, 2000, p. 30). Nas sociedades contemporâneas modernas, a juventude é uma condição social quase universalizada, construída na relação, no intervalo entre uma condição natural – a puberdade fisiológica – e uma condição cultural com distintas modelações – o reconhecimento do *status* adulto (Feixa, 1998). Pensá-la como geração requer, dentre outros aspectos, a sua conceituação em um contexto sociocultural supere as delimitações biológicas – como a idade, por exemplo – e a compreenda como uma categoria com limites ou marcos que são variáveis de acordo com cada sociedade. Os estudos empíricos a respeito dos diferentes sujeitos e grupos juvenis que compõem essa geração devem situá-los em um contexto histórico e sociopolítico, uma vez que cada sociedade possui seus próprios “critérios de classificação e princípios de diferenciação social” que envolvem e estão relacionados aos “seus distintos membros e classes de idade” (Reguillo, p. 49). A juventude é configurada dentro de uma materialidade analítica que deve levar em conta o conjunto de imagens culturais distintivas deste grupo de idade no interior das classes sociais e ainda entre as diferentes classes, que não a uniformiza, mas incorpora em uma mesma geração os diferentes modos de “ser jovem”. Isso permite observar a existência de uma identidade geracional juvenil que modela e expressa um tempo biográfico que se insere em um tempo histórico através das brechas culturais que expressam simbolicamente essa mesma geração na relação com os pais e outros adultos, por exemplo. São sujeitos no seu tempo que produzem sua história geracional através de expressões identitárias e culturais específicas carregadas de símbolos que traduzem a geração juvenil, ainda que muitas vezes estes sejam apropriados indistintamente pela sociedade através de sua mercantilização. Traduzem ainda aspectos culturais que delinham e configuram a memória de uma geração impregnada de símbolos desse mesmo tempo histórico. Resta saber quais são os usos que cada grupo juvenil faz dessa memória e os sentidos que esta possui para a construção de suas identidades e de suas trajetórias, vez por outra, reorientadas pelos seus projetos de vida.

3 – Juventude, Memória e Identidade

As escolhas pessoais dos jovens não só no que diz respeito às expressões culturais, como também à elaboração de seus projetos de vida são determinadas pela memória juvenil e suas articulações com a memória dos adultos. Daí o caráter coletivo e social que ela apresenta uma vez que guarda relação com o meio social. Através dessa sociabilidade podem surgir os elementos fundamentais para a elaboração de identidades juvenis, o que confere à memória forte imbricação com a identidade e vice-versa. Uma sociabilidade rica de elementos significativos guardados na memória dos adultos e que possam povoar o cotidiano das relações sociais. Em muitos casos, resulta de uma espécie de memória emprestada e, desse modo, estes transformam-se em elementos constitutivos da memória juvenil.

Um das classificações apresentadas por Halbwachs (2004) para memória refere-se ao seu caráter individual que, segundo ele, “são lembranças organizadas e agrupadas em torno de uma pessoa definida, sob seu próprio ponto de vista”. Entende, ainda, a memória coletiva como um conjunto não linear de “lembranças distribuídas no interior de uma sociedade grande ou pequena de que elas são tantas outras imagens parciais” (p.50). A organização confere particularidade aos modos de acionamento da memória e aos significados que os fatos representam diante do ato de lembrar.

Esse exercício de reconstrução das lembranças parece contribuir para a definição dos gostos dos jovens participantes da comunidade afetiva. Para Halbwachs, para que a memória seja compartilhada é necessário que a lembrança seja reconhecida e reconstruída

A partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (2004, p.39).

Os jovens, por diversas ocasiões, reconstróem suas memórias na relação com o universo dos adultos; em algumas situações relatam os acontecimentos “vividos por tabela”, uma vez que nas suas lembranças aparecem elementos ou eventos que certamente foram relatados e/ou vivenciados pelos adultos participantes de seu espaço de socialização cultural. Entretanto, em função da relevância desses eventos, os jovens fazem referência aos mesmos sem necessariamente terem deles participado. Pollak (1992, p. 201) sugere a possibilidade de ocorrer um fenômeno de identificação com o passado que é projetado no presente através dos processos de socialização política e histórica. O presente possui uma origem que se funda e se reatualiza na lembrança. Para sabermos o que somos e/ou onde estamos torna-se necessário, segundo Brandão (1998), compreender de onde viemos, trazer à tona nossas trajetórias que nos permitiram estar aqui e através das quais nos constituímos sujeitos. É a memória que articula o presente e o passado. É a memória geracional que vai buscar no passado os elementos que possam contribuir para explicar o presente, para dar sustentabilidade ao projeto. É no passado que o presente se explica em um processo da realidade social e subjetiva. O passado pode se apresentar como continuidade, como herança geracional, mas pode também ser ressignificado pelas novas gerações no presente através, dentre outras possibilidades, de constantes reinterpretações da memória. Nesse sentido, a memória reinterpreta o passado e é por ele reinterpretada no presente.

O fenômeno de projeção e identificação com o passado pode ocorrer também por meio da socialização cultural. Desse modo, “a memória quase herdada” pelos jovens se expressa como resultado das relações estabelecidas com os adultos nos espaços de elaboração de suas identidades, conforme veremos a seguir. A identidade juvenil é elaborada em parte pela memória herdada – esta compreendida como um fenômeno construído social e individualmente. A herança é transmitida pelas lembranças que são compartilhadas nas relações sociais, na sociabilidade enquanto processo em curso.

Michael Pollak (1992) aponta que existe uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (p. 204). Essa identidade é elaborada em referência ao outro e não em função do outro. Refere-se aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Sendo assim, podemos pensar em outra dimensão da memória como valor de disputa – é o adulto que detém a memória – e que, ao ser confrontada com a memória coletiva, pode gerar conflitos intergeracionais.

Para Bonaldi (2006) esses conflitos podem ser compreendidos a partir da entrada, no campo habitado por adultos, de jovens comprometidos com diferentes pautas reivindicatórias, o que resulta na clássica luta “entre ortodoxos e hereges que caracterizam as relações entre os mais velhos e os recém chegados em um campo” (p. 157).

Nesse caso, a memória juvenil é importante para a identidade que não é elaborada conforme os valores da geração antecedente. Portanto, essas identidades podem apontar para transformação do espaço social. Isso nos remete aos múltiplos rearranjos das lógicas de ação que podem resultar na possibilidade de encontrarmos os jovens que seguem os valores e normas que estão presentes na convivência com os adultos. Em contraposição, podemos encontrar os jovens que, apesar de reconhecer esses valores e

normas, estão dispostos a elaborar outros valores, outras normas que podem ser reconhecidas como suas e que são capazes de apontar para relações conflituosas.

Fazer parte de um grupo permite potencializar a lembrança através de experiências em comum ou de traços de acontecimentos que, mesmo não vivenciados da mesma maneira por todos os membros, podem caracterizar pontos de identificação por pensamentos em comum. A existência de uma comunidade afetiva possibilita a reconstituição de lembranças compartilhadas, mas que não são produzidas necessariamente de forma igual. A continuidade de pertencimento ao grupo permite lembranças individuais e coletivas que são ativadas pelos aspectos comuns a este e vividos de diferentes maneiras e intensidades. Permite ainda que os sentimentos em comum constantemente experimentados no grupo e pelo grupo fortaleçam a existência da memória coletiva. É ela – a memória coletiva – que serve de apoio para a memória individual manifestada nas lembranças particulares, pessoais. Porém, essas lembranças são quase sempre evocadas a partir do ponto de vista do grupo, visto que o homem é, por natureza, um ser social (Halbwachs, 2004, p. 50).

No que diz respeito à memória de jovem, esta pode ser construída por materiais emprestados e reconstituídos singularmente. O processo de reconstituição auxilia na organização das lembranças, também emprestadas. Nesse caso, não são lembranças diretas, mas resultam de imagens formadas a partir das narrativas dos adultos participantes de sua comunidade afetiva. Podem também ser resultantes de narrativas⁵ de experiência vivenciadas na sua relação com o passado que o constitui como sujeito pleno de lembranças que marcam sua trajetória. Aqui, vale ressaltar que o canal de expressão da memória é a oralidade, através da qual o sujeito estabelece relações entre si, a sua cultura e o espaço social no qual valores sociais, posicionamentos são frequentemente revisitados. O seu papel é “fornecer uma ligação entre o presente e o passado. Entretanto, na nossa vida cotidiana, a memória diz respeito tanto ao futuro quanto ao passado” (Schacter, 2003, p. 70). É o elo que conecta a identidade e a trajetória construída por experiências vivenciadas ou aquelas a serem vividas, o que nos permite afirmar que, não só, mas, principalmente, o jovem é a soma de suas memórias que organizam a sua vida. Ser social, suas experiências e vivências no interior do grupo são importantes para a elaboração de sua identidade a partir das lembranças manifestadas no universo da memória coletiva.

As escolhas pessoais dos jovens, não só naquilo que diz respeito às expressões culturais, como também à elaboração de suas trajetórias, são originadas no campo da memória, pois é em suas instâncias que o passado e o futuro se encontram. Estas podem estar orientadas segundo valores, normas e experiências apreendidas ou vivenciadas em contextos familiares e sociais nos quais há a presença do grupo como referência. Sendo assim, a memória não pode ficar restrita apenas à sua possibilidade de armazenamento, apesar de esta ser a sua dimensão mais valorizada. Importa saber o que se faz com aquilo que se lembra. Ao participar da memória, o jovem entra em contato consigo mesmo, pois se reconhece e se encontra com o seu espaço social de referência, na sua individualidade. Com o auxílio da memória, ele recupera a trajetória que orienta a elaboração da identidade como expressão de sua unidade, que é a complexa soma de tudo aquilo que o constitui como ser humano.

⁵ Para Oliveira (2012, p. 6) “as narrativas são produções culturais que muito dizem a respeito de nós mesmos”. Segundo a autora, “a narrativa corresponde a um notório instrumento de produção do significado [...], uma forma de organização básica da experiência e da memória humanas” (p. 12).

3.1 – Aspectos Inerentes de Memória e Identidade

Diversos autores têm se debruçado em análises sociológicas que nos permitem estabelecer essa relação de interdependência entre a identidade e a memória. Afinal, um homem sem memória é um homem sem identidade, sem passado, sem história e sem razão de ser no mundo. Para Giddens (2001), “a identidade é a criação de constância através do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado” (p. 56). Como construção subjetiva processual, possui relação com memória e trajetória. Constitui-se, de acordo com Melucci (2004), em um processo interrelacional de re-conhecimento intra-subjetivo e relacional intersubjetivo. Para esse autor, a identidade

Define, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a auto-identificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. A possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses “outros”. Logo, nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos, na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo (2004, p. 45).

O sentido de pertencimento ao grupo através da identificação com o coletivo é o que garante a manutenção da identidade singular e, desse jeito, da memória individual que serve de subsídio para a elaboração dessa mesma identidade. Nesse contexto, destacam-se a experiência e a transmissão como dois aspectos fundamentais que vêm ao encontro da necessidade de maior articulação entre juventude e memória.

A pertinência de aproximação entre identidade e memória situa-se na tentativa de mostrar que a identidade – que representa a unidade do diverso que se expressa no homem – somente é possível pelo caminho da memória como expressão dessa individualidade. Eduardo Gatto, ao analisar essa aproximação, observa que

Tudo o que percebemos e podemos perceber, inclusive nós mesmos e a diversidade que somos para nós, somente assume a possibilidade de ser o que é na medida em que estamos na disposição da memória. Apenas pela memória as coisas que são assumem sua própria identidade (2009, p. 200).

Nesse sentido, reafirma-se a relação intrínseca da identidade – como expressão da individualidade que se concretiza no campo da memória – com a unidade que é a composição da diversidade. Essa afinidade envolve a memória como síntese que expressa a relação entre o passado, o presente e o futuro, que se encontram para além de uma temporalidade comprometida com a noção de linearidade. As idas e vindas pelas dimensões do tempo nos sugerem um movimento espiral pouco ordenado que se consolida pela memória e sua faculdade de relacionar essas dimensões. Carlos Brandão considera que a memória é o exercício através do qual o indivíduo recupera sua identidade, de reconstrução do sujeito cujas reminiscências possibilitariam a restauração de momentos biográficos sem uma linearidade

temporal. Essas lembranças desordenadas⁶ no tempo teriam a função de auxiliar a explicação de “uma sociedade, uma experiência coletiva, de uma cultura, da identidade de um nós” (s.d., p. 5). Significa dizer que as reflexões apontadas até aqui nos permitem destacar o caráter individual da memória e sua importância no processo de construção da identidade.

3.2 – Memória, Experiência e Identidade: entrelaçando conceitos

São as experiências inscritas na subjetividade que marcam as lembranças da memória de experiência feita (Bondía, 2002), que nos instigam a considerar não só a dimensão individual da construção da memória, como também o seu aspecto coletivo e apropriado de forma particular pelos jovens. Com relação à transmissão, refere-se principalmente ao campo da cultura no seu sentido mais amplo e sua marca identitária de um grupo social que é estendida dos adultos para os jovens através de um processo que não os considere sujeitos passivos, mas capazes de reproduzir ou de transformar essa mesma cultura. Esse movimento de reconstrução tem a memória como fonte primária do elo intergeracional que marca a continuidade do grupo social, a expressão de uma identidade coletiva e, no seu aspecto individual, refere-se ao processo contínuo de elaboração de uma imagem de si.

Como éramos depende do que somos no presente. A memória busca ser lembrada dentro de uma coerência com aquilo que o indivíduo é no presente, pois este reorganiza o passado. Para Schacter (2003), essa necessidade de reorganização constitui-se em um dos pecados da memória, pois inscreve-se na necessidade de distorção de coerência e de mudança. Para o autor, “nossas lembranças do passado são muitas vezes reescritas para se acomodar às nossas opiniões e necessidades do presente” (p. 172). Esse reescrever expressa identidades marcadas pela experiência de ser jovem orientada pela memória revelada através das narrativas como movimento de se contar histórias e isso, segundo Oliveira (2012, p. 24) constitui-se em “um terreno fértil para estudos sobre construção de identidades sociais”. Desse modo, podemos alegar que a memória é identidade constituída pela narrativa.

Para Dubet (1994), a experiência é a possibilidade de superação dos limites presentes na sociologia clássica, que entendia o indivíduo como um sujeito integrado e suas ações também integradas a um modelo social que estaria dado segundo um sistema estabelecido de acordo com normas e valores comuns a todos. As condutas individuais e coletivas não são mais constituídas segundo papéis previamente determinados, respeitando modelos de ação previamente determinados. São, ao contrário, resultado de diferentes práticas orientadas segundo uma “heterogeneidade de princípios culturais e sociais que organizam essas mesmas condutas” (p. 14). De acordo com esse mesmo autor,

Os papéis, as posições sociais e a cultura não bastam para definir os elementos estáveis da ação porque os indivíduos não cumprem um programa, mas têm em vista construir uma unidade a partir dos elementos vários de sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem (1994, p. 16).

Outro aspecto importante que François Dubet destaca na construção da noção de experiência – e que contribui para a sua aproximação da relação entre juventude e memória – diz respeito ao fato de que

⁶ “Múltipla e errante, tanto quanto o desejo e a saudade que nutrem dela e a alimentam de símbolos, a memória não é uma *faculdade*, mas um *processo* que liga funções e dimensões de ordens diferentes” (Brandão, s.d., p. 9).

esta é construída segundo diferentes lógicas de ação⁷. Essa heterogeneidade garante ao jovem uma autonomia relativa como sujeito de sua própria experiência construída em um mundo presente. Embora tenha autoria para essa construção, a mesma é relativa, uma vez que “os elementos sobre os quais se assenta essa construção não pertencem aos indivíduos”, mas ao meio social (Idem, p. 17). Como não há mais um papel a desempenhar segundo uma lógica de ação prévia, é a possibilidade de organizar essas mesmas lógicas segundo diferentes interesses e práticas, que torna o jovem sujeito autônomo de suas ações, construtor de suas trajetórias que se inserem em contextos memorialísticos⁸. Estes são acionados em situações de distintas narrativas de si e que revelam aspectos constitutivos da identidade e de sua história.

Por fim, vale ressaltar que o culto ao passado produzido por rememorações ritualizadas pode aprisionar o sujeito em uma história que não permite a transformação do presente devido à impossibilidade de criação de novos sujeitos e novos significados para esse mesmo presente. Tal aprisionamento, certamente, não contribui para iluminar e orientar as trajetórias juvenis, senão para uma espécie de culto à memória desprovida de sentidos e que não contribui para as transformações simbólicas necessárias às identidades forjadas no presente. O sentido da memória está na sua capacidade motora de recriação e reinvenção do passado como orientadora do futuro e da própria identidade.

A memória juvenil pode ser construída por lembranças emprestadas. Pode ser apoiada nas relações vivenciadas coletivamente, mas são lembranças ressignificadas de forma particular. Seres sociais, os jovens nos apontam que as suas experiências e vivências no interior do grupo são importantes para a elaboração de suas identidades, a partir das lembranças manifestadas no universo da memória coletiva.

Há experiências acionadas por grupos juvenis que simbolizam a presença de modernas tradições e estas devem ser observadas em diversas manifestações da vida cotidiana, mas, principalmente, nas manifestações culturais marcadamente juvenis. A experiência está relacionada ao grupo, às relações sociais e familiares, assim como aos espaços culturais e midiáticos. Pode ser compreendida, também, dentro das lógicas de ação, de caráter intrinsecamente subjetivo. Apontam para a diversidade de tipos juvenis presentes também nos mais diversos espaços culturais juvenis e suas distintas formas de articulação com a memória. Do mesmo modo, o que procuramos, neste texto, refere-se ao esforço em articular alguns conceitos que consideramos importantes para as análises sobre juventude composta de múltiplas subjetividades, de identidades encarnadas cujos estudos podem também se apoiar no campo da memória de jovem.

⁷ Para Dubet, a experiência social é resultado da articulação de lógicas de ação elementares, das quais destaca três: a lógica da integração, a lógica estratégica e a lógica da subjetivação (1994, p. 19). Estas são combinadas de maneiras diversas, não hierarquizadas, autônomas, individuais e subjetivas. “Assim, na lógica de integração, o actor define-se pelas suas pertenças, visa mantê-las ou fortalecê-las no seio de uma sociedade considerada então como um sistema de integração. Na lógica da estratégia, o actor tenta realizar a concepção que tem dos seus interesses numa sociedade concebida então ‘como’ um mercado. No registro da subjetividade social, o actor apresenta-se como um sujeito crítico confrontado com uma sociedade definida como um sistema de produção e de dominação” (p. 113).

⁸ Todo grupo social possui uma história que é contada pelos elementos presentes na memória de cada um de seus indivíduos. Esse contar, segundo Bolle (2000), é importante para cada integrante, pois, “num tempo de destruição, o sujeito consegue, pelo trabalho da memória, encontrar nas camadas mais profundas: uma imagem da sua identidade. Indestrutível. Isso não é pouco em termos de perspectiva de futuro” (p. 351).

Referências Bibliográficas

- Bolle, Willi. (2000). *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: EDUSP.
- Bonaldi, Pablo D. (2006). Hijos de desaparecidos. Entre la construcción de la política y la construcción de la memória. In: JELIN, Elizabeth y SEMPOL, Diego (comps). *El Passado en el futuro: los movimientos juveniles*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana S.A..
- Bondía, Jorge Larrosa (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19. Campinas: Ed. Autores Associados, 20-28.
- Brandão, Carlos R.(1998). *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: editorial Cone Sul/ Ed. UNIUBE.
- Brandão, Carlos R.. (Org.). *As Faces da memória*. Campinas: Gráfica ASE – UNICAMP. Coleção seminários 2, s.d.
- Carrano, Paulo. C. Rodrigues. (2002). *Os Jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Dubet, François. (1994). *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Feixa, Carles. (1998). *De Jóvenes, bandas e tribus: antropologia de la juventud*. Barcelona: Ariel.
- Gatto, Eduardo A. G. (2009). *Caminhos do ser: Música e Abismo*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 199-202.
- Giddens, Anthony. (2001). *Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas*. São Paulo: UNESP, 21-96.
- Giddens, Anthony. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Halbwachs, Maurice. (2004). *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Martins, Carlos H. S. (2004). *Os Bailes de Charme: territórios de elaboração de identidades juvenis*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense – Niterói: Rio de Janeiro.
- Martins, Carlos H. S. (2010). *Memória de Jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense – Niterói: Rio de Janeiro.
- Melucci, Alberto. (2004). *O Jogo do eu*. São Leopoldo, RS: UNISINOS.
- Oliveira, T. (2012). *Educação e Ascensão Social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em letras da PUC-RIO. Rio de Janeiro.
- Pollak, Michael. (1992). *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 200-212.
- Reguillo, Rossana. (2000). *Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto*. Bogotá: Grupo Editorial Norma.
- Schacter, Daniel L. (2003). *Os Sete pecados da memória: como a memória esquece e lembra*. Rio de Janeiro: Rocco. Trad. Sueli Anciães Gunn.

Sposito, Marilia. (2007). *Balanços e perspectivas*. In: Carneiro, Maria José & Castro, Elisa Guaraná de, (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 123-27.